

Fauna de Hymenoptera em duas marismas do estuário da Lagoa dos Patos - RS

C. F. Bolico¹; M. L. Gantes¹; E. A. Oliveira¹; F. D’Incao¹

¹Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Oceanografia, Laboratório de Crustáceos Decápodes. Avenida Itália, Km 8 - Campus Carreiros, Rio Grande, RS – Brasil

Introdução

Marismas são áreas intermareais alagadas irregularmente por água salgada, ocupadas por vegetação herbácea e pequenos arbustos (Gianuca & Costa 2004). No estuário da Lagoa dos Patos ocupam uma área de aproximadamente 70km². Estes ambientes servem de habitat para uma diversidade de animais entre os quais se destacam os insetos que representam cerca de 90% dos artrópodes ali presentes (Adam 1993).

Como os estuários são áreas de grande fertilidade, vários estudos ecológicos e sobre o ciclo de vida dos animais aquáticos são desenvolvidos, entretanto, pouca atenção é dada aos insetos em avaliações ecológicas de habitat costeiro.

Dentre os Insecta, os Hymenoptera representam a terceira ordem mais abundante constituindo um dos mais importantes e diversificados taxa. Ademais, os Hymenoptera detem importância ecológica e econômica. Assim, a realização de estudos para que se conheça a abundância e riqueza de suas famílias é essencial, para definir a qualidade de vida dos organismos, avaliação do potencial de exploração dos recursos e seu correto manejo.

O objetivo do trabalho foi conhecer as famílias de Hymenoptera (Insecta) em duas marismas com diferentes composições vegetais no estuário da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS, comparando a flutuação populacional entre as áreas.

Materiais e Métodos

A amostragem ocorreu no período de Setembro de 2008 à Fevereiro de 2009 em marismas com diferentes coberturas vegetais no estuário da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS.

Foram utilizadas duas armadilhas Malaise (Townes 1972), uma na Ilha da Torotama (IT) e outra no Molhe Oeste da Barra (MOB). O material foi triado e identificado através de bibliografia pertinente.

A análise dos fatores abióticos foi realizada através das observações meteorológicas em suas médias mensais, fornecidas pela Estação Meteorológica da Universidade Federal do Rio Grande.

Resultados e Discussão

Foram registrados 1161 espécimes, dentro de 24 famílias. Na IT foram capturados 300 indivíduos, divididos em 20 famílias, no MOB 861 distribuídos em 15 famílias.

Na IT Apidae, Mymaridae, Chrysididae, Torymidae, Eulophidae, Perilampidae, Eupelmidae, Ceraphronidae e Encyrtidae são restritas desta área; enquanto Megachilidae, Cynipidae, Halictidae e Figitidae são exclusivas do MOB. A IT exibe maior diversidade (Diversidade de Simpson Ds': 0.798) se

comparada ao MOB (Diversidade de Simpson D_s' : 0.544), porém, mostra-se menos abundante que esta.

Nas duas áreas Formicidae é dominante, 672 indivíduos e contínua em todos os meses da amostragem. A situação pode ser justificada pelo hábito eusocial e forrageador destes animais. Formicidae é um grupo oportunista, e exerce diversas funções ecológicas mantendo relações com outros táxons.

Os picos na flutuação são semelhantes nas duas áreas e ocorrem no Verão, Formicidae, Tiphiidae, Vespidae e Sphecidae têm seus picos nesse período. As demais famílias não exibem um padrão nítido de flutuação populacional. A umidade relativa é o fator abiótico que melhor se correlaciona, pois os períodos secos favorecem a ordem (-0,73 IT e -0,83 MOB). Porém, outros fatores além do clima influenciam a diversidade de padrões sazonais, como a disponibilidade de alimento.

A maioria das famílias presentes no estudo é parasitóide. Sua ocorrência depende da disponibilidade de hospedeiros para seus ovos e larvas, conferindo importância ecológica a estes animais no controle de populações de outros insetos dentro da marisma.

Conclusão

As marismas mostram grande diversidade de Hymenoptera. Todavia a diferença nas abundâncias justifica-se pela composição florística distinta das áreas.

Os grupos parasitóides são os mais frequentes esboçando nas marismas a presença de fauna de outros artrópodes. Formicidae é dominante em ambas as áreas. Os períodos mais quentes exibem abundância maior nas duas áreas.

Em suma, as marismas abrigam uma diversidade de Hymenoptera, logo é necessária a preservação destas áreas, além de maior esforço no conhecimento taxonômico destes insetos, visto que eles exibem grande potencial como bioindicadores de áreas degradadas.

Referências

Adam, P. 1993. Saltmarsh Ecology. Cambridge University. Press, New York. 461 p

Gianuca, D. & Costa, C. 2004. Ocorrência de colônias da formiga *Solenopsis* sp associadas a hastes da grama de marisma *Spartina alterniflora*. 8p

Townes, H. 1972. A light-weight Malaise trap. Entomological News, v. 83, n. 9, p. 239-247